



Sociedade das Ciências Antigas

DEZ LIÇÕES DE CABALA'

POR

ELIPHAS LEVI

PRIMEIRA LIÇÃO

PROLEGÔMENOS GERAIS

Senhor e irmão: Posso conferir-vos este título posto que buscais a verdade na sinceridade de vosso coração e estais disposto a fazer os sacrifícios necessários para alcançar o fim colimado. Sendo a verdade a própria essência daquilo que não é difícil encontrar, está em nós e nós estamos nela; é como a luz que os cegos não vêem.

O Ser é. Isto é incontestável e absoluto. A idéia exata do Ser é a verdade, seu conhecimento é a ciência; sua expressão ideal é a razão; sua atividade é a criação e a justiça. Dizeis que desejais crer. Para tanto basta conhecer e amar a verdade. Porque a verdadeira fé é a adesão inquebrantável às deduções necessárias da ciência no infinito conjectural. As ciências ocultas são as únicas que dão a certeza, porque tomam por base as realidades e não as ilusões.

Permitem discernir em cada símbolo religioso a verdade e a mentira. A verdade é a mesma em qualquer lugar e a mentira varia, segundo os lugares, os tempos e as pessoas. Estas ciências são em número de três: a Cabala, a Magia e o Hermetismo.

A Cabala, ou ciência tradicional dos Hebreus, poderia ser chamada de matemática do pensamento humano. É a álgebra da fé. Resolve, com suas equações todos os problemas da alma, isolando as incógnitas. Dá às idéias a sensatez e a rigorosa exatidão dos números; seus resultados são a infalibilidade da mente (sempre relativa na esfera dos conhecimentos humanos) e a paz profunda do coração.

A Magia, ou ciência dos magos, teve como representantes na antigüidade os discípulos e talvez os mestres de Zoroastro. É o conhecimento das leis secretas da natureza que produzem as forças ocultas dos ímãs naturais ou artificiais, e dos que podem existir ainda fora do mundo dos metais. Numa palavra e para empregar uma expressão moderna, é a ciência do magnetismo universal.

O Hermetismo é a ciência da natureza oculta dos hieróglifos e dos símbolos do mundo antigo. É a investigação do princípio de vida pelo sonho (para os que ainda não chegaram a ele), a realização da grande obra, a reprodução pelo homem do fogo natural e divino que cria e regenera os seres. Eis aí, senhor, as coisas que desejais estudar: seu círculo é imenso, porém seus princípios são muito simples e estão contidos nos números e nas letras do alfabeto.

"É um trabalho de Hércules semelhante a um jogo de crianças", dizem os mestres da santa ciência. Os requisitos para se sair reconfortado deste estudo são uma grande retidão de juízo e amplo ecletismo. Não se pode ter preconceitos e razão por que Cristo dizia: "Se não tiverdes a simplicidade da criança, não entrareis em *Malkuth*", isto é, no reino da ciência.

¹ Estas cartas foram disponibilizadas por um discípulo de Eliphas Levi: M. Montaut. Foram publicadas pela primeira vez na revista *L'Initiation*, em 1891.

Começaremos pela Cabala, cuja divisão é: *Bereschith, Mercavah, Gematria e Temura*.

Vosso na Sagrada Ciência.
Eliphas Levi

SEGUNDA LIÇÃO

A CABALA – OBJETIVO E MÉTODO

Senhor e irmão: A proposição que deveis fazer-vos ao estudar a Cabala é chegar à paz profunda, para a tranqüilidade do espírito e paz do coração. A tranqüilidade do espírito é um efeito da certeza; o sossego do coração deve-se à paciência e à fé. Sem a fé, a ciência conduz à dúvida; sem a ciência, a fé conduz à superstição. As duas unidas produzem a certeza e, para uni-las, não é preciso confundi-las.

O objeto da fé é a hipótese e chega a converter-se em certeza quando a hipótese exige a evidência ou as demonstrações da ciência. A ciência é comprovada com fatos. As leis são inferidas da repetição dos fatos. A generalidade dos fatos em presença de tal ou qual força demonstra a existência das leis. As leis inteligentes são necessariamente desejadas e dirigidas pela inteligência. A unidade das leis faz supor a unidade da inteligência legisladora. A esta inteligência, que estamos obrigados a supor segundo as obras manifestas, mas que não é possível definir, é que chamamos Deus.

A minha carta chegou a vossas mãos; eis aqui um fato evidente; a minha escrita foi reconhecida, bem como meu pensamento, e deduzistes disso que fui eu quem vos escreveu. É uma hipótese razoável, porém a hipótese necessária é a de que alguém escreveu a carta. Poderia ser apócrifa, porém não tendes razão para supô-lo. Se pretendêsseis que a carta tivesse caído do céu, estaríeis beirando o absurdo, estabelecendo uma hipótese absurda.

Eis aqui, segundo o método cabalístico, como se organiza a certeza:

Evidência	} Certeza
Demonstração Científica	
Hipótese Necessária.....	
Hipótese Razoável	Probabilidade
Hipótese Duvidosa	Dúvida
Hipótese Absurda	Erro

Não saindo deste método, o espírito adquire uma verdadeira infalibilidade, posto que afirma o que sabe, crê no que deve necessariamente supor, admite as suposições razoáveis, examina as suposições duvidosas e afasta as absurdas.

Toda a Cabala está contida no que os mestres chamaram as trinta e duas vias e as cinquenta portas. As trinta e duas vias são trinta e duas idéias absolutas e reais unidas aos dez números da aritmética e as vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Eis aqui estas idéias:

Números	1 . – Supremo poder
	2 . – Sabedoria absoluta
	3 . – Inteligência infinita
	4 . – Bondade
	5 . – Justiça ou rigor
	6 . – Beleza

- 7 . – Vitória
- 8 . – Eternidade
- 9 . – Fecundidade
- 10 . – Realidade

Letras

Aleph – א – Pai	Lamed – ל – Sacrifício
Beth – ב – Mãe	Mem – מ – Morte
Ghimel – ג – Natureza	Nun – נ – Reversibilidade
Daleth – ד – Autoridade	Samech – ס – Ser universal
He – ה – Religião	Áin – ע – Equilíbrio
Vau – ו – Propriedade	Phé – פ – Imortalidade
Zain – ז – Liberdade	Tsade - צ – Sombra e reflexo
Cheth – ח – Repartição	Cuph – ק – Luz
Theth – ט – Prudência	Resh – ר – Reconhecimento
Iod – י – Ordem	Shin – ש – Fogo
Caph – כ – Força	Tau – ת – Síntese

Vosso na Sagrada Ciência.
Eliphaz Levi

TERCEIRA LIÇÃO

USO DO MÉTODO

Senhor e irmão: Na lição anterior falei tão-somente das trinta e duas vias; falarei depois das cinquenta portas. As idéias expressas pelos números e pelas letras são realidades incontestáveis. Tais idéias encadeiam-se e se combinam como os números. Procedem-se logicamente de um ao outro. O homem é o filho da mulher, porém a mulher procede do homem como o número da unidade. A mulher explica a natureza; a natureza revela a autoridade, cria a religião que serve de base à liberdade e que faz o homem dono de si mesmo e do universo, etc. Procurai um Tarô (creio, possivelmente, que tendes um) e o dispõe em duas séries de dez cartas alegóricas, numeradas de um a vinte e um. Vereis então todas as figuras que explicam as letras. Quanto aos números, do um ao dez, encontrareis neles a explicação repetida quatro vezes, com os símbolos de paus ou cetro do pai; copas ou delícias da mãe, espadas ou combate do amor e ouros ou fecundidade. O Tarô se encontra no livro hieroglífico das trinta e duas vias e a explicação sumária dele encontra-se no livro atribuído ao patriarca Abraão, que se chama *Sepher-Yetsirah*. O sábio Court de Gebelin foi o primeiro que adivinhou a importância do Tarô, a grande chave dos hieróglifos hieráticos. Encontraram-se os símbolos e os números nas profecias de Ezequiel e de São João. A Bíblia é um livro inspirado, porém o Tarô é o livro inspirador. Também foi chamado de roda, *rota*, de onde se deduziram as formas *taro* e *tora*. Os antigos rosa-cruzes conheciam-no e o marquês de Suchet fala dele em seu livro acerca dos iluminados. Deste livro é que surgiram nossos jogos de cartas. As cartas espanholas ainda possuem os principais signos do Tarô primitivo e são utilizados para jogar o “voltarete”, jogo do *hombre*, ou jogo do homem, reminiscência vaga do uso primitivo de um livro misterioso que contém as sentenças reguladoras de todas as divindades humanas. Os três Tarôs antigos eram feitos de medalhas que depois seriam de talismãs. As clavículas ou pequenas chaves de Salomão eram compostas por trinta e seis talismãs, tendo setenta e duas ilustrações semelhantes às figuras hieroglíficas do Tarô. Estas figuras, alteradas pelos copistas, encontram-se ainda nas várias clavículas manuscritas que se encontram nas bibliotecas. Existe um desses manuscritos na Biblioteca Nacional e outro na Biblioteca do Arsenal. Os únicos manuscritos autênticos delas são os

que mostram a série dos trinta e seis talismãs com os setenta e dois nomes misteriosos; os demais, ainda que antigos, pertencem às quimeras da magia negra e não são mais que mistificações. Vede, para a explicação do Tarô, o meu *Dogma e Ritual da Alta Magia*.

Vosso na Sagrada Ciência.
Eliphas Levi

QUARTA LIÇÃO

A CABALA I

Senhor e irmão: *Bereschith* quer dizer Gênese; *Mercavah* significa "carro" em alusão às rodas e aos animais misteriosos de Ezequiel. *Bereschith* e *Mercavah* resumem a ciência de Deus e do mundo. Digo "ciência de Deus" e, portanto, Deus não é infinitamente desconhecido. Sua natureza escapa completamente a nossas investigações. Princípio absoluto do ser e dos seres, não pode ser confundido com os efeitos que produz e pode-se dizer, afirmando completamente sua existência, que não é nem o não-ser, nem o ser. Fato que confunde a razão sem extraviá-la e nos afasta definitivamente da idolatria.

Deus é o único postulado absoluto de toda ciência, a hipótese necessária que serve de base à certeza. Eis aqui como nossos antigos mestres estabeleceram cientificamente esta hipótese correta da fé: o Ser é. No Ser está a vida. A vida manifesta-se pelo movimento. O movimento perpetua-se pelo equilíbrio das forças. A harmonia resulta da analogia dos contrários. Existe, na natureza, lei imutável e progresso indefinido, mudança perpétua nas formas, indestrutibilidade da substância; e isto é o que se encontra estudando o mundo físico. A metafísica apresenta leis e fatos análogos, na ordem intelectual ou na moral, o verdadeiro, imutável, de um lado; do outro, a fantasia e a ficção. De um lado, o bem que é o verdadeiro; de outro, o mal que é falso, e destes conflitos aparentes surgem o juízo e a virtude. A virtude compõe-se de bondade e justiça. Quando boa, a virtude é indulgente; quando justa, é rigorosa. Ela é boa, pois é justa, é justa porque é boa; ela se mostra bela.

Esta grande harmonia do mundo físico e do mundo moral, não sendo possível ter uma causa superior a ela mesma, revela-nos e demonstra a existência de uma sabedoria imutável, princípio e leis eternas, e de uma inteligência criadora, infinitamente ativa. Sobre esta sabedoria e sobre esta inteligência, inseparáveis uma da outra, repousa esta potencia suprema que os hebreus chamam *a coroa*. A coroa, e não o rei, pois a idéia de um rei implicaria a de um ídolo. A potencia suprema é, para os cabalistas, a coroa do universo; a criação inteira é o reino da coroa ou, se preferirdes, o domínio da coroa.

Ninguém pode oferecer aquilo que não possui, e nós podemos admitir virtualmente na causa que se manifesta pelos efeitos.

Deus é, portanto, a potência ou coroa suprema (Kether), que repousa sobre a sabedoria imutável (Chokmah) e a inteligência criativa (Binah); nele estão a bondade (Chesed) e a justiça (Geburah), que são o ideal da beleza (Thipheret). Nele estão o movimento sempre vitorioso (Netsah) e o grande repouso eterno (Hod). Sua vontade é uma criação contínua (Yesod) e seu reino (Malkuth) é a imensidade que povoa a universo.

Detenhamo-nos aqui; conhecemos a Deus!

Vosso na Sagrada Ciência.
Eliphas Levi

QUINTA LIÇÃO

A CABALA II

Senhor e irmão: Este conhecimento racional da divindade, escalonado nas dez cifras que compõem os números vos oferece o método completo da filosofia cabalística. O método compõe-se de trinta e dois meios ou instrumentos de conhecimento que se denominam as trinta e duas vias, e de cinquenta objetos, aos quais pode-se aplicar a ciência, e que se chamam as cinquenta portas.

A ciência sintética universal considera-se como um templo com trinta e duas vias de acesso e cinquenta portas.

Este sistema numérico, que também poderia ser chamado decimal, porque sua base é dez, estabelece, pelas analogias, uma classificação exata de todos os conhecimentos humanos. Nada é mais engenhoso, lógico e exato.

O número dez, aplicado às noções absolutas do ser na ordem divina, metafísica e natural, repete-se três vezes, o que dá trinta para os meios de análise; acrescentai a silepse e a síntese, a unidade postulada pelo espírito. e a do resumo universal, e tereis as trinta e duas vias.

As cinquenta portas constituem uma classificação dos seres em cinco séries de dez, que abraça todos os conhecimentos possíveis.

Porém não basta ter encontrado um método matemático exato, é preciso, para ser perfeito, isto é, que nos proporcione o meio de obter, com exatidão, todas as deduções possíveis, de obter os conhecimentos novos e de desenvolver o espírito, sem deixar nada ao capricho da imaginação.

Isto é o que se obtém pela *Gematria* e a *Temura* que é a matemática das idéias. A Cabala tem sua geometria ideal, sua álgebra filosófica e sua trigonometria analógica. É dessa forma que obriga a natureza, de certo modo, a revelar seus segredos.

Adquiridos estes altos conhecimentos, passa-se às últimas revelações da Cabala transcendental e estuda-se no *Shemamphorash* a fonte da razão e de todo os dogmas.

Eis aí, senhor e amigo, o que se deve aprender. Vede se não vos assusta; minhas cartas são curtas, porém resumos muito concretos e que expressam muito em poucas palavras. Dei um espaço amplo o bastante entre as minhas cinco primeiras lições, para vos dar tempo de refletir; posso, portanto, escrever-vos, mais amiúde se desejardes. Acreditai-me desejoso de vos ser útil.

Vosso na Sagrada Ciência.
Eliphas Levi

SEXTA LIÇÃO

A CABALA III

Senhor e irmão: A Bíblia deu ao homem dois nomes. O primeiro é Adão, que significa saído da terra ou homem de terra; o segundo é Enos ou Henoc, que significa homem divino ou elevado até Deus. Segundo o Gênese, Henoc foi o primeiro que dedicou homenagens públicas ao princípio dos seres, o qual, segundo se diz, foi elevado aos céus, depois de ter gravado nas duas pedras que se denominam as colunas de Henoc os elementos primitivos da religião e da ciência universal.

Henoc não é um personagem, mas uma personificação da humanidade, elevada ao sentimento da imortalidade Fé, Religião e Ciência. Na época designada com o nome de Enos ou Henoc, apareceu

o culto de Deus representado no sacerdote. Na mesma época começa a civilização com a escritura e os monumentos hieráticos. O gênio civilizador que os hebreus personificavam em Enoch foi chamado Trismegistos pelos Egípcios, Kadmos ou Cadmus pelos Gregos. Foi Kadmos que viu, aos acordes da lira de Anfion, elevarem-se as pedras vivas de Tebas.

O primitivo livro sagrado, o livro que Guilherme Postel chamou Gênese de Henoc, é a primeira fonte da Cabala, ou tradição divina, humana e religiosa. Nele, a tradição aparece em sua nobre simplicidade, cativando o coração do homem, bem como a lei eterna regulando a expansão infinita, os números na imensidade e a imensidade nos números, a poesia na matemática e a matemática na poesia.

Quem acreditaria que o livro inspirador de todas as teorias e símbolos religiosos foi conservado até nossos dias sob a forma de um jogo de cartas? Não obstante, nada é mais evidente; e Court de Gebelin foi o primeiro a descobri-lo.

O alfabeto e os dez números - isto é, certamente, o mais elementar da ciência. Reuni a isso os signos dos quatro pontos cardeais ou das quatro estações e tereis completado o livro de Henoc. Cada signo representa uma idéia absoluta ou, se preferis, essencial. A forma de cada cifra e de cada letra tem sua razão matemática e significação hieroglífica. As idéias, inseparáveis dos números, seguem, adicionando-se, dividindo-se ou multiplicando-se, etc., o movimento dos números, e adquirem a exatidão. O livro de Henoc é, enfim, a aritmética do pensamento.

Vosso na Sagrada Ciência.
Eliphaz Levi

SÉTIMA LIÇÃO

A CABALA IV

Senhor e irmão: Court de Gebelin vislumbrou, nas vinte e duas chaves do Tarô, a representação dos mistérios egípcios, atribuindo sua invenção a Hermes ou Mercúrio Trismegistos, que foi chamado também Thaut ou Thoth. É certo que os hieróglifos do Tarô se encontram nos antigos monumentos do Egito; é certo que os signos deste livro, traçados em quadros sinóticos ou em tabelas ou lâminas metálicas, assemelham-se às inscrições Isíacas de Bembo,² reproduzidas separadamente em pedras gravadas ou em medalhas, convertidas posteriormente em amuletos e talismãs. Assim se separavam as páginas do livro, infinito em suas combinações diversas para reuni-las, transportá-las e dispô-las de modo sempre original, obtendo múltiplos oráculos da verdade.

Possuo um destes antigos talismãs, trazido do Egito por um viajante amigo. Representa o binário dos Ciclos ou, vulgarmente, o "dois de ouros". É a expressão figurada da grande lei da polarização e do equilíbrio, produzindo a harmonia pela analogia dos contrários. A medalha um pouco apagada é do tamanho de uma moeda de prata de cinco francos, porém mais grossa. Os dois ciclos polares estão representados exatamente como no nosso Tarô italiano, por uma flor de Loto, com uma auréola ou nimbo.

A corrente astral que separa e atrai ao mesmo tempo os dois focos polares está representada em nosso talismã egípcio pelo bode de Mendes, colocado entre duas víboras, análogas às serpentes do caduceu. No reverso da medalha, vê-se um adepto ou um sacerdote egípcio que, substituindo Mendes entre os dois ciclos do equilíbrio universal, conduz por uma avenida ladeada por árvores o bode transformado num animal dócil pela ação da vara mágica.

² Estas inscrições eram feitas em lâminas de cobre e representavam os mistérios de Ísis e da maior parte das divindades egípcias.

Os dez primeiros números, as vinte e duas letras do alfabeto e os quatro signos astronômicos das estações resumem toda a Cabala. Vinte e duas letras e dez números somam as trinta e duas vias do *Sepher Yetsirah*, quatro representam a *Mercavah* e o *Shemamphorash*.

É simples como um jogo de crianças e complicado como os mais árduos problemas das matemáticas superiores. É ingênuo e profundo como a verdade e a natureza. Esses quatro signos elementares e astronômicos são as quatro formas da esfinge e os quatro animais de Ezequiel e São João.

Vosso na Sagrada Ciência.
Eliphas Levi

OITAVA LIÇÃO

A CABALA V

Senhor e irmão: A ciência da Cabala impossibilita toda dúvida relativa à religião, por ser ela a única que concilia a razão com a fé, mostrando que o dogma universal formulado de maneiras diversas, porém no fundo sempre o mesmo, é a expressão mais pura das aspirações do espírito humano iluminado pela fé necessária.

Clarifica a utilidade das práticas religiosas que concentram a atenção e fortificam a vontade. Prova que o mais eficaz dos cultos é aquele que aproxima, de certo modo, a divindade do homem, permitindo-lhe vê-lo, tocá-lo e, de certa forma, incorporá-lo. É suficiente dizer que se trata da religião católica. Esta religião, tal como se apresenta ao vulgo, é a mais absurda de todas, por ser a mais bem *revelada* de todas; emprego esta palavra em sua verdadeira acepção: *revelare*, re-velar, velar de novo.

Sabeis que no Evangelho se diz que na morte de Cristo o véu do Templo se rasgou por completo; bem, todo trabalho dogmático da Igreja, através das idades, foi o de tecer e bordar um novo véu. É verdade que os próprios chefes do santuário, por haverem desejado ser príncipes, perderam há muito tempo às chaves da elevada iniciação. Isto não impede que a letra do dogma seja sagrada e os sacramentos eficazes.

Disse em meus livros que o culto cristão católico é a alta magia regulada e organizada pelo simbolismo e a hierarquia. É uma combinação de auxílios oferecidos à debilidade humana para afirmar sua vontade no bem. Nada foi esquecido, nem o templo misterioso e sombrio nem o incenso que tranqüiliza e exalta ao mesmo tempo, nem os cantos prolongados e monótonos que colocam o cérebro em um semi-sonambulismo.

O dogma, cujas formas obscuras parecem o desespero da razão, serve de barreira às petulâncias de um crítico inexperiente e indiscreto. Parecem insondáveis, a fim de melhor representarem o infinito. Os próprios officios, celebrados numa língua que a massa popular não entende, preenchem o pensamento daquele que ora e o deixam encontrar na oração tudo o que está em relação com as necessidades do espírito e do coração.

Eis aí por que a religião católica se assemelha à ave fênix da fábula que renasce continuamente de suas cinzas. E esse grande mistério da fé é simplesmente um mistério da natureza. Pode parecer um paradoxo dizer-se que a religião católica é a única que poderia chamar-se natural e, portanto, verdadeira; todavia é a única que satisfaz plenamente essa necessidade natural dos homens.

Vosso na Sagrada Ciência.

Eliphas Levi

NONA LIÇÃO**A CABALA VI**

Senhor e irmão: Se o dogma cristão-católico é completamente cabalístico, deve-se dizer o mesmo daqueles dos grandes santuários do mundo antigo. A lenda de Krishna, tal como a relata o Bhagavadam, é um verdadeiro Evangelho, similar ao nosso, porém mais ingênuo e brilhante. As encarnações de Vishnu são dez, como as Sefiroths da Cabala e formam uma revelação, de certo modo mais completa que a nossa. Osíris, morto por Tífon, depois ressuscitado por Ísis, é o Cristo renegado pelos judeus, depois glorificado na pessoa de sua mãe. A Tebaida é a grande epopéia religiosa que deve ser colocada ao lado do grande símbolo de Prometeu. Antígona é o tipo de mulher divina, tão pura quanto Maria. Em todas as partes o bem triunfa pelo sacrifício voluntário, após ter sofrido por algum tempo os assaltos desiguais da força fatal.

Os próprios ritos são simbólicos e se transmitem de religião para religião. As tiaras, as mitras, as sobrepelizes figuram em todas as grandes religiões. Depois se deduziu que todas eram falsas, quando, em verdade, falsa é a conclusão. A verdade é que a religião é una como a própria humanidade, progressiva como ela e permanecendo sempre a mesma, transformando-se continuamente.

Se, para os egípcios, Jesus Cristo se denomina Osíris, para os escandinavos Osíris é Balder, morto pelo lobo Jeuris, mas Voda ou Odin lhe devolve a vida e as Valquírias servem-lhe hidromel no Valhala. Menestréis, druidas, bardos, cantavam a morte e a ressurreição de Tarenis ou Tetenus, distribuíam a seus fiéis o visgo agárico sagrado, como nós fazemos com o ramo bento nas festas do solstício de verão, e rendiam culto à virgindade, inspirado nas sacerdotisas da ilha do Sena.

Podemos, portanto, em plena consciência e com inteira razão, cumprir os deveres que nos impõe nossa religião materna. As práticas são atos coletivos e repetidos com intenção direta e perseverante. Semelhantes atos são sempre benéficos e fortificam a vontade, espécie de ginástica que nos conduz ao fim espiritual que queiramos alcançar. As práticas mágicas e os passes magnéticos não têm outro objetivo e dão resultados análogos aos das práticas religiosas, ainda que sejam mais imperfeitos.

Quantos homens não têm a energia para fazer o que desejam ou devem fazer? Há mulheres que se consagram sem desencorajar-se a trabalhos tão repugnantes e penosos como os das enfermeiras e educadoras. De onde tiram a força? Das pequenas práticas repetidas: rezam todos os dias seus ofícios e seus rosários, e fazem de joelhos a oração e o exame particular.

Vosso na Sagrada Ciência.
Eliphas Levi

DÉCIMA LIÇÃO**A CABALA VII**

Senhor e irmão: A religião não é uma servidão imposta ao homem, senão um auxílio que se lhe oferece. As castas sacerdotais trataram, o tempo todo, de explorar, vender e transformar este auxílio em jugo insuportável; a obra evangélica de Jesus tinha por objeto separar a religião do sacerdote ou pelo menos colocar o sacerdote na posição de ministro ou servidor da religião, dando à consciência do homem toda a liberdade e razão. Vede a parábola do bom samaritano e estas preciosas sentenças: A lei se fez para o homem e não o homem para a lei. Desgraçados aqueles que prendem e impõem,

sobre as espáduas dos outros, fardos que gostariam de tocar apenas com as pontas dos dedos, etc., etc. A Igreja oficial declara-se infalível no Apocalipse, a chave cabalística dos evangelhos, e há no cristianismo, sempre, uma igreja oculta ou Joanita que, respeitando totalmente a necessidade da Igreja oficial, conserva do dogma uma interpretação diferente da que lhe dá o vulgo.

Os templários, os rosa-cruzes, os Franco-Maçons dos altos graus pertenceram todos, antes da revolução francesa, à Igreja, da qual Martinez Pasqually, Saint-Martin e até Mme, de Krudemer foram os apóstolos no século XVIII. O caráter distintivo desta escola é evitar a publicidade e não se constituir, nunca, em seita dissidente. O conde José de Maistre, esse católico tão radical, era, ainda que não se acredite, simpatizante da Sociedade dos Martinistas e anunciava uma regeneração próxima do dogma por luzes que emanavam dos santuários do ocultismo. Existem todavia sacerdotes fervorosos que estão iniciados nas doutrinas antigas, e um bispo, entre outros, falecido recentemente, pediu-me que lhe ensinasse cabala. Os discípulos de Saint-Martin tomaram o pseudônimo de Filósofos Desconhecidos, e os discípulos de um mestre moderno muito conhecido, felizes por serem ainda mais ignorados, não tiveram necessidade de tomar nome algum, pois o mundo não suspeitava da existência deles. Jesus disse que a levedura deve ocultar-se no fundo da vasilha que contém a massa para trabalhar dia e noite em silêncio até que a fermentação invada lentamente toda a massa que deve formar o pão.

Um iniciado pode, com simplicidade e sinceridade, praticar a religião em que haja nascido, porque todos os ritos representam diversamente um único e mesmo dogma; porém não deve abrir o fundo de sua consciência mais que a Deus e ninguém deve saber suas crenças mais íntimas. O sacerdote não pode julgar o que o próprio Papa não compreende. Os signos exteriores do iniciado são a modesta ciência, a filantropia sem ruído, a igualdade de caráter e a mais inalterável bondade.

Vosso na Sagrada Ciência.
Eliphas Levi

FIM